Análises dos rumores do projeto EnC 2.0

Enraizado na Confiança

Internews
Local voices. Global change.

USAID
FROM THE AMERICAN PEOPLE

SUMÁRIO

RESUMO EXECUTIVO	**3**
PRINCIPAIS APRENDIZADOS	**6**
LADO DA CIRCULAÇÃO	6
ADAPTAÇÃO DOS RUMORES NAS COMUNIDADES ANALISADAS	7
PRINCIPAIS TÓPICOS IDENTIFICADOS PELO PROJETO EM 2022	**8**
PANORAMA	**10**
ANÁLISE E CONCLUSÕES	**16**
SEGURANÇA E EFEITOS COLATERAIS	16
A VACINAÇÃO COMO UM EXPERIMENTO QUE USA PESSOAS COMO COBAIAS	19
DIREITOS DE ACESSO E O PASSAPORTE DE VACINAÇÃO	20
CRIANÇAS	21
PLANO DA VACINA	22
TRATAMENTO OU CURA DA COVID-19	23
CRÉDITOS E RECONHECIMENTOS	**24**

RESUMO EXECUTIVO

Este documento sintetiza a análise de **1.712 rumores sobre a pandemia de COVID-19 coletados online e offline ao longo de 2022 com foco em comunidades indígenas e quilombolas de Roraima, Pará e Amapá.** A coleta online foi restrita a regiões próximas às terras indígenas, cidades fronteiriças e quilombos das regiões em questão, enquanto a offline foi feita através de correspondentes indígenas e quilombolas recrutados através de organizações parceiras. A maior parte dos rumores analisados provém do Telegram (997 rumores), aplicativo em que grupos que buscam viralizar informações por outros aplicativos como WhatsApp costumam se mobilizar. Aproveitando a possibilidade de consultar a origem de informações compartilhadas pelo aplicativo, pudemos chegar a grupos sistematicamente dedicados à discussão contra as medidas sanitárias relacionadas a pandemia e a vacina da COVID-19 nos três estados supracitados. Em segundo lugar está o Twitter (541), plataforma em que ativistas alcançam grande público, incluindo tomadores de decisão. Nosso objetivo, no entanto, não era apenas desmentir informações falsas.

A difusão de informações falsas durante a pandemia de COVID-19 colocou em evidência a insuficiência das simples checagens e 'desmentidos'. A ideia de que poderíamos entender os problemas causados por um rumor específico considerando apenas a veracidade das informações que ele traz desconsidera aspectos fundamentais: a dimensão cultural da interpretação local de cada informação, a dimensão social da confiança nas pessoas que repassam essas informações, e o modo como experiências, anseios e medos relacionados à história de cada indivíduo reforçam a crença em algumas dessas informações. Colocado de modo simples, cada 'fato' recebe uma 'checagem' e um desmentido, mas as realidades em que esses fatos são interpretados e os mal-entendidos possíveis são plurais e variam drasticamente de acordo com elementos culturais, sociais e pessoais em questão.

O primeiro passo para compreender esse cenário é diferenciar os tipos de informação falsa e os estigmas que cada uma delas traz. Seguindo a proposta da antropóloga da saúde Heidi Larson, diretora do Projeto Confiança nas Vacinas (Vaccine Confidence Project), rumores sobre vacina e doenças podem surgir de esforços para solução coletiva de problemas que nascem da necessidade de agir em cenários repletos de incerteza[1]. Não nos referimos,

portanto, à desinformação (informações produzidas e disseminadas para conduzir as pessoas ao erro intencionalmente) ou *fake news* (informações falsas beneficiadas viralização em redes sociais online e aplicativos de mensagens), e sim a rumores (seguindo o conceito proposto por Larson).

Ao não abordar as incertezas e medos que dão sentido a diferentes rumores, corremos o risco de produzir respostas que não fazem sentido dentro dessas realidades. Restringir fontes de informação autorizadas, centralizando-as em elites que historicamente apresentam desvios éticos e não reconhecem direitos básicos de diversas populações, pode acirrar – e não resolver – o problema da desconfiança em relação a informações comprovadas cientificamente. Ainda de acordo com Larson, no lugar de apresentar a ciência como método para não depender de dogmas incontestáveis de origem desconhecida, a informação científica muitas vezes é apresentada a diversas comunidades como dogma externo àquela sociedade e cultura, que precisaria ser aceito e seguido sem contestação.

A solução desse impasse seria entender as informações em sua dimensão coletiva, em que rumores não são tratados individualmente como verdadeiros ou falsos, mas como parte de um ecossistema de informações[2]. No lugar de focar em cada peixe (rumor individual), a proposta é compreender a dinâmica do cardume (conjunto de rumores, medos, ansiedades e fontes de informação que caminham juntos) e os fatores que podem trazer riscos a comunidade em que esse conjunto de rumores circula. A dinâmica citada anteriormente precisa levar em consideração não apenas a oferta de informações (que rumores estão disponíveis e por quais meios), mas também a demanda por informações (como essas informações interagem com ansiedades e medos locais, sendo adaptadas a diferentes realidades). Isso nos permite ir além de fatos passados e informações já ofertadas, buscando dirigir nossas ações com base no ecossistema de informações presente - decorrentes das ansiedades, riscos e incertezas que compõem as causas da crença em rumores – visando um ecossistema de informações forte e saudável no futuro.

[1] Ver 'Stuck: How Vaccine Rumors Start – and Why They Don't Go Away', de Heidi Larson, Oxford University Press, 2020.

[2] Para mais informações, ver IEA – Análise do Ecossistema de Informações, produzido pelo RiT 2.0 Brazil (Enraizado na Confiança Brasil).

Para dar conta desse cenário, nossa metodologia envolve:

✤ Mapeamento das fontes de informação e coleta direcionada de dados em redes sociais online;

✤ Coleta offline de rumores enviados por parceiros presentes nas comunidades indígenas e quilombolas de **Roraima, Pará e Amapá** com as quais trabalhamos;

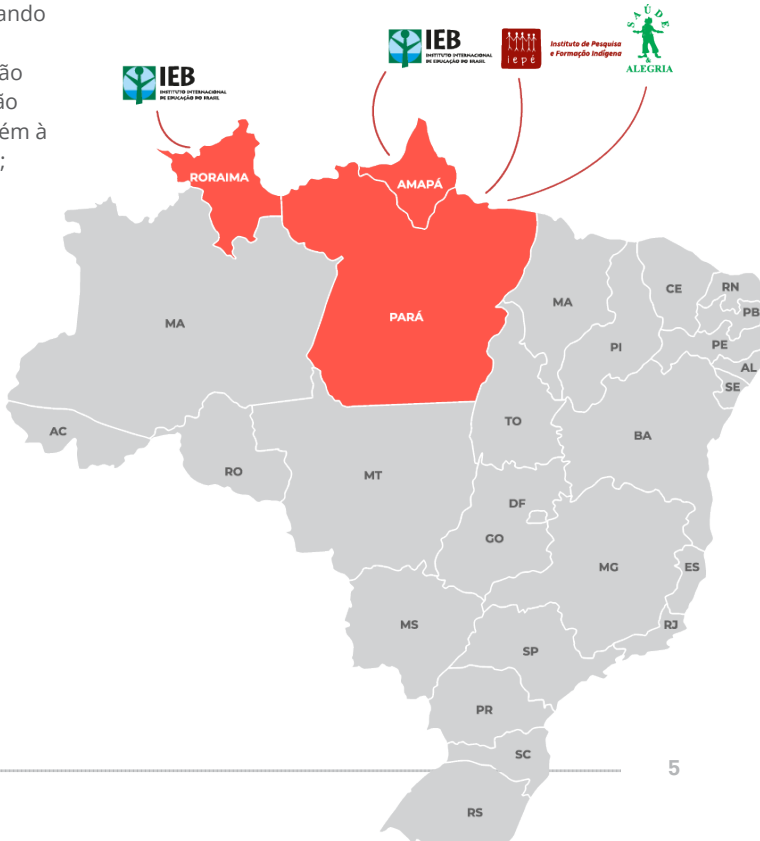
✤ Cruzamento e análise quantitativa e qualitativa de todos os rumores coletados;

✤ Definição do potencial de risco de cada rumor;

✤ Discussão mensal dos rumores mais importantes em reuniões editoriais;

✤ seleção de pautas a serem abordadas e respondidas em produtos de mídia para parceiros, agentes humanitários e jornalistas.

O presente documento sintetiza achados dessa metodologia ao longo do ano de 2022, passando pelos principais tópicos dos rumores nesse período; a divisão entre questões relacionadas não apenas à circulação, mas também à adaptação dessas informações; quais atores, crenças e desconfianças há por trás desses rumores; que tipo de riscos estão envolvidos.



PRINCIPAIS APRENDIZADOS

LADO DA CIRCULAÇÃO

Os seis principais tópicos ao longo de todo o período analisado foram Crianças, Plano da vacina (teorias da conspiração), Direitos de acesso (passaporte sanitário e medidas restritivas), Experimento (vacina como experimento científico), Segurança e efeitos colaterais (das vacinas) e Tratamento ou cura (para COVID-19).

✤ Crianças e Segurança e efeitos colaterais são os temas que mais envolvem riscos sustentados ao longo do tempo (concentrando os rumores considerados de médio risco de modo contínuo e próximo a quantidade de rumores de baixo risco).

✤ Os rumores sobre Experimento e Segurança apresentam similaridade e são o elemento que pode conectar preocupações envolvendo Crianças, de um lado, e o Plano da vacina. Já as discussões sobre Tratamento e Direitos de acesso se distanciaram dos debates acima, embora este último possa estar presente em pautas específicas como direito de crianças não vacinadas de frequentar escolas ou a ideia de que haveria uma conspiração para implantar uma 'ditadura sanitária' por meio do passaporte de vacinação.

✤ Tanto em Crianças quanto em Segurança e efeitos colaterais, mensagens circulando em grupos de Roraima, Pará e Amapá repercutem conteúdo de pessoas que se colocam como autoridades médicas no Telegram.

✤ Raiva e frustração são os principais sentimentos por trás da divulgação online dos rumores identificados.

Rumores trazem eventos e associações, reais ou inventados, que dão materialidade e urgência a anseios anteriormente tidos como abstratos. Nesse sentido é possível separar associações contínuas (se repetem ao longo do tempo e parecem ter raízes mais profundas) e associações pontuais (relacionadas a eventos específicos). As associações contínuas nos aproximam daquilo que há por trás dos rumores.

ADAPTAÇÃO DOS RUMORES NAS COMUNIDADES ANALISADAS

✤ Crianças e Segurança e efeitos colaterais foram tópicos frequentes em conversas com indígenas e quilombolas dos estados em questão, indicando que esse conteúdo circula também em nível local. Isso ocorre particularmente em torno de incertezas envolvendo grávidas, grupo que de fato não recebeu informações precisas sobre o quão apropriadas eram as vacinas no início da vacinação.

✤ A dimensão social também é fator importante na definição do risco e sua priorização: o risco de ser infectado é balanceado com o risco de perder a rede de suporte representada pela igreja, perder dias de trabalho quando se é autônomo e precisa cuidar dos filhos, perder acesso a lugares e oportunidades por seguir linhas religiosas específicas ou acreditar que a vacina poderia ter efeitos piores do que a doença. Mesmo que os riscos relacionados a COVID-19 sejam identificados, isso não quer dizer que serão a prioridade de grupos em situação vulnerável.

✤ A hesitação não decorre necessariamente da completa ignorância em relação aos riscos representados pela não vacinação, mas por decisões em que a vulnerabilidade social e a falta de redes sólidas de suporte fazem com que esse risco não seja o fator mais importante para tomada de decisões.

PRINCIPAIS TÓPICOS IDENTIFICADOS PELO PROJETO EM 2022

Uma vez que nossa análise não concede o mesmo peso a todos os rumores, priorizando aqueles que possuem maior potencial de risco, cabe explicar brevemente o que entendemos por risco. De acordo com a especialista em análise de riscos Michele Wucker[3], pessoas comparam milhares de riscos ao fazer escolhas cotidianamente – seja o risco de agir ou o de não agir em cada situação. E uma vez que todo risco envolve um cenário de incerteza frente ao resultado das opções disponíveis, há uma relação clara entre vulnerabilidade e risco: quanto mais vulnerável for o grupo ao qual um indivíduo pertence menor é a sua margem de manobra para escolher não assumir risco nenhum em seu dia a dia; e quanto menor sua rede de apoio, piores são as consequências de errar ao assumir qualquer risco.

Portanto, a influência do risco sobre as ações das pessoas envolve uma comparação entre opções. Cabe questionar: ao dizer que algo envolve risco estamos afirmando que isso é arriscado em comparação a que outra opção e com que consequências? Um refugiado que enfrenta o oceano em uma jangada pode estar se arriscando, mas se essa pessoa está fugindo de uma guerra civil sua opção envolve a consideração de diversos riscos e a priorização de um deles. Nesse sentido, para evitar que ele corra o risco de se afogar não basta avisar que a travessia marítima é arriscada: é preciso levar em consideração como esse risco interage com diversos outros com os quais concorre, mobilizando novamente a ideia de ecossistema. Do mesmo modo, saber que deixar territórios indígenas aumenta o risco de contaminações por COVID-19 pode não ser determinante para ação em momentos em que terras indígenas são invadidas por garimpeiros enquanto falta água potável, comida e remédios.

Soma-se a isso o fato de países distribuírem os riscos – as incertezas

TIPOS DE RISCO

BAIXO RISCO: rumores que não colocam as pessoas ou comunidades que acreditam neles em risco eminente. Acreditar que gengibre cura COVID19, por exemplo, pode trazer uma falsa sensação de segurança, mas não causa danos imediatos ou pânico social.

MÉDIO RISCO: pode causar ações ou pânico caso se torne crença generalizada, como na ideia de que a vacina é um experimento sem consentimento ou uma arma biológica.

ALTO RISCO: Ameaça iminente como resultado da crença no rumor – mesmo que por poucas pessoas – ou chamados a ações que possam causar danos ou violência contra grupos específicos. Ingerir cloro ou convocar pessoas para agredir agentes de saúde são exemplos.

[3] Soma-se a isso o fato de países distribuírem os riscos – as incertezas enfrentadas por diferentes parcelas da população e a falta de apoio para

enfrentadas por diferentes parcelas da população e a falta de apoio para lidar com as consequências decorrentes delas – de modo desigual entre seus cidadãos e entre as diferentes regiões que compõem esses países. Portanto, é de se esperar que os riscos e incentivos para ignorar a existência da COVID-19 variam consideravelmente entre os cidadãos.

Todo os rumores identificados – 1.712 até o dia 1 de dezembro de 2022 – foram analisados em relação a vários fatores, entre eles o potencial de risco, tópicos em questão e sentimentos envolvidos. Por 'potencial de risco', entendemos o balanço entre dois fatores: a possibilidade de trazer danos imediatos a indivíduos e comunidades, como no incentivo a violência contra terceiros ou ações com potencial de dano individual (consumir querosene para se curar da COVID-19, por exemplo); e a aparente plausibilidade dentro da cultura em que o tópico em questão circula, viabilizando maior alcance. Com base nessa divisão, os rumores são separados em rumores de baixo, médio e alto risco. Rumores de médio e alto risco são aqueles a que damos mais atenção e respostas em nosso projeto.

PANORAMA

Os seis tópicos principais ao longo de 2022 foram: rumores envolvendo Crianças, Direitos de acesso que estariam ameaçados pelo passaporte de vacinação, a ideia de que a vacinação era um Experimento que usava as pessoas como cobaias, Segurança e efeitos colaterais supostamente relacionados a vacinas, Tratamento ou cura (alternativos) para COVID-19 e teorias da conspiração agrupadas sob o termo Plano da vacina. Esses tópicos são o que chamamos de subtemas, estando acima deles os temas 'Vacina' e 'COVID-19' (em geral).

TÓPICOS DISPONÍVEIS AO LONGO DO PROJETO

SOBRE O TEMA VACINAS: Direitos de acesso, Crianças, Corrupção, Morte, Distribuição, Doses, Eficácia, Experimentação, Expiração, Acesso Individual, Plano Político, Comportamento pós-vacinação, Infecção pós-vacinação, Gravidez/fertilidade, Desenvolvimento/fabricação de produtos, Religião, Segurança/efeitos colaterais, População alvo, Plano da vacina, Outro.

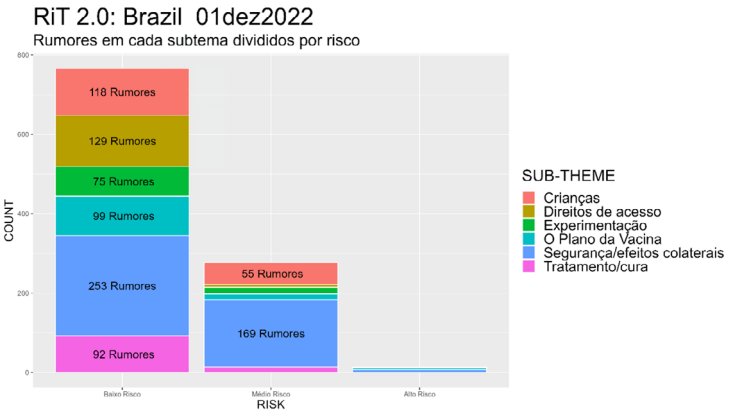
SOBRE O TEMA COVID-19: Antivirais aprovados, Corrupção, Gravidade da doença, Endemia, Governo, Assistência médica, Farsa, Imunidade, Covid longa, Máscaras, Origem/causa, Preconceito/estigma, Prevenção, Reinfecção, Religião, Impactos secundários, Sintomas, Teste, Transmissão, Viagens, Tratamento/cura, Variantes, Outro.

OUTROS SUBTEMAS, FORA DOS TEMAS ANTERIORES: Disponibilidade de assistência médica, Acesso à assistência médica, Doenças infecciosas, Doenças crônicas, Saúde infantil, Profissionais de saúde, Higiene, Desnutrição, Saúde materna, Saúde mental, Saúde sexual e reprodutiva, Programas de vacinação, Doença transmissível, Preparação para emergência.

Considerando apenas os seis tópicos mais frequentes, a distribuição de risco entre os vários subtemas disponíveis pode ser conferida no quadro a seguir. (Gráfico 01)

Fica evidente que a maior parte dos rumores é sobre a vacina contra COVID-19. Nesse sentido, é importante separar a hesitação vacinal - pessoas que podem se vacinar e o fariam em outros cenários, mas estão incertas

Gráfico 01:

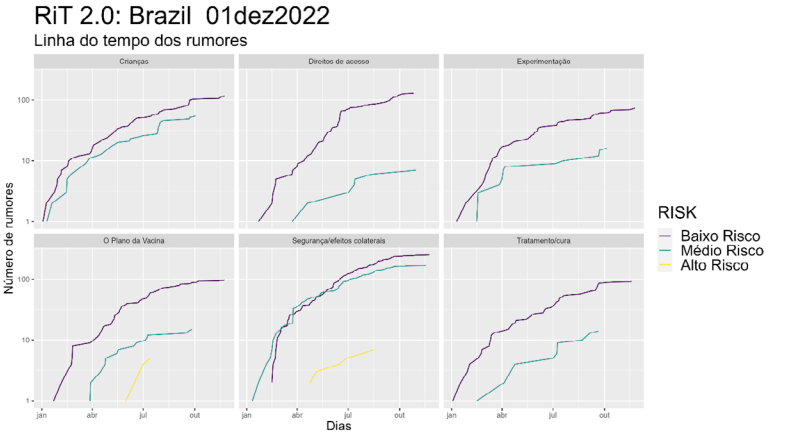


sobre vacinação contra COVID-19 - de outros comportamentos, como recusa vacinal (pessoas que recusam qualquer vacina), teóricos da conspiração sobre vacinas (que muitas vezes não aceitam nem mesmo a existência de uma pandemia), indiferença com relação a vacinas (em que a não vacinação decorre da falta de interesse e não de receios específicos). Cada um desses comportamentos se relaciona a um tipo diferente de confiança no governo, ciência, universidades e etc. É o que tem sido chamado de espectro da hesitação vacinal.

Crianças e Segurança e efeitos colaterais das vacinas são os temas que mais envolvem riscos sustentados ao longo do tempo (concentrando os rumores considerados de médio risco de modo contínuo e próximo a quantidade de rumores de baixo risco). Chama atenção o fato de o tópico de Segurança ter mais rumores de médio risco do que de baixo risco em alguns momentos e também concentrar rumores de alto risco, indicando tópico capaz de mobilizar pessoas e gerar discussões de modo mais potencialmente mais danoso do que outros.

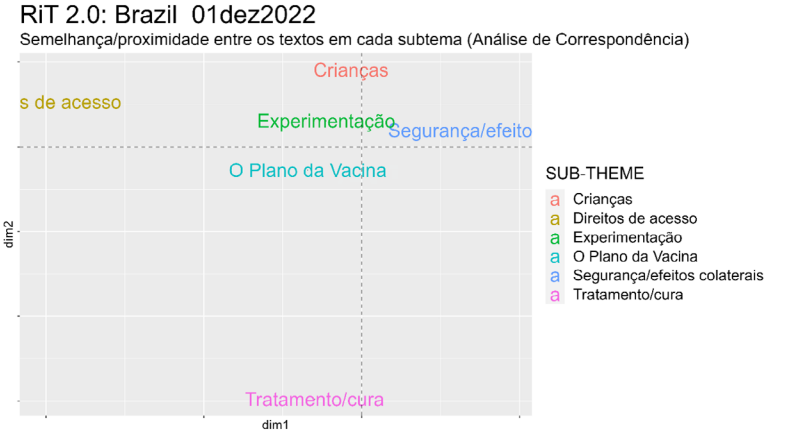
Embora os tópicos apresentem continuidade ao longo do tempo, seus principais rumores variam consideravelmente. Ou seja, receios quanto a segurança das vacinas pode ser contínuos, mas em um momento as pessoas podem estar com medo de ter reações adversas como trombose e no momento seguinte com medo de adquirir AIDS pela vacina – considerando apenas o subtema em questão, essa mudança não interfere na continuidade da relevância do tópico Segurança. (Gráfico 02)

Gráfico 02:



Em diferentes momentos, esses tópicos se aproximam ou afastam. Por exemplo, o medo de que vacinas façam mal a Crianças pode aproximar receios com relação a Segurança e efeitos colaterais; em outro momento, o medo de que Crianças não possam frequentar aulas por não estarem vacinadas aproxima esse tópico da discussão sobre Direitos de acesso. Considerando a similaridade dos textos desses tópicos ao longo do projeto, o plano seguinte aproxima ou distancia os subtemas de acordo com sua semelhança/diferença entre os rumores que os compõem.

Gráfico 03:



Podemos ver que ao final os tópicos Direitos de acesso e Tratamento e cura possuem posições distantes dos demais subtemas, o primeiro ligado ao passaporte sanitário, discussões legais, liberdades individuais, autoritarismo sanitário, entre outros; e o segundo mais distante da discussão sobre a vacina como um todo, envolvendo cloroquina, ivermectina, jambu e álcool no combate à COVID-19. A especificidade dos termos utilizados em cada um ajuda a entender o distanciamento de ambos em relação aos outros quatro tópicos. No mesmo quadrante de Tratamento e cura encontramos o Plano da vacina, com teorias da conspiração sobre as reais intenções por trás da vacina e das campanhas de vacinação. A crença de que há remédios simples para a COVID-19 ajuda a levantar suspeitas por trás do esforço global pela vacinação da população mundial. Já Direitos de acesso está no mesmo quadrante das discussões sobre Experimentação e Crianças, o que também faz sentido considerando inquietações quanto a ser obrigado a vacinar os próprios filhos ou a se vacinar com uma vacina supostamente experimental. A Segurança das vacinas possui um quadrante próprio – uma discussão que envolve medo de reações adversas mesmo por parte de pessoas que não estão discutindo teorias da conspiração, experimentos, ou proteção de crianças. Ao mesmo tempo, a proximidade e intercâmbio entre o Plano da vacina, Experimentação, Crianças e Segurança das vacinas é evidente. Envolver crianças em rumores parece fazer com que esses chamem mais atenção e pareçam mais urgente para pessoas não interessadas em discussões mais amplas sobre saúde, conspirações globais, testes científicos ou direitos. Também é interessante notar que a discussão sobre segurança e experimentação pode ser a ponte entre rumores sobre Crianças e o Plano da vacina – ou seja, por mais diferentes que esses dois últimos subtemas sejam, ambos apresentam proximidade com a discussão sobre segurança das vacinas e experimentação.

Segurança e Crianças são os subtemas mais bem sucedidos em conseguir atenção em plataformas de redes sociais online, particularmente Twitter (a maior parte dos rumores coletados provém de grupos locais do Telegram sem curtidas ou comentários, por isso ausentes de algumas visualizações). (Gráfico 04).

Em um cruzamento entre tipos de risco, reações, comentários e seguidores/membros em cada subtema, fica nítida a predominância de rumores sobre Crianças e Segurança entre aqueles que alcançam risco médio. (Gráfico 05)

Gráfico 04:

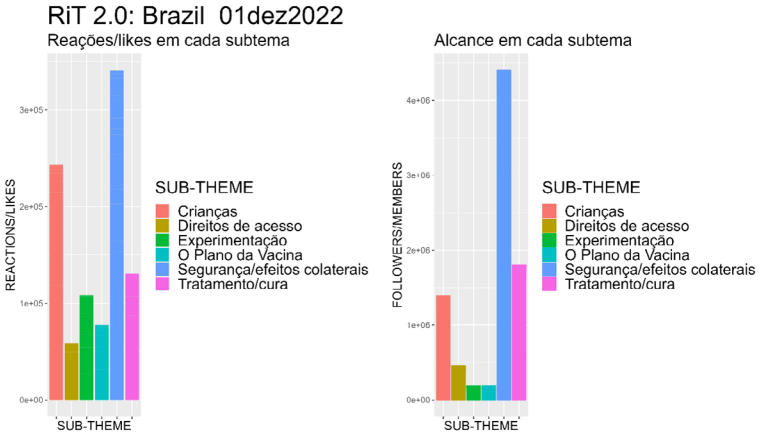
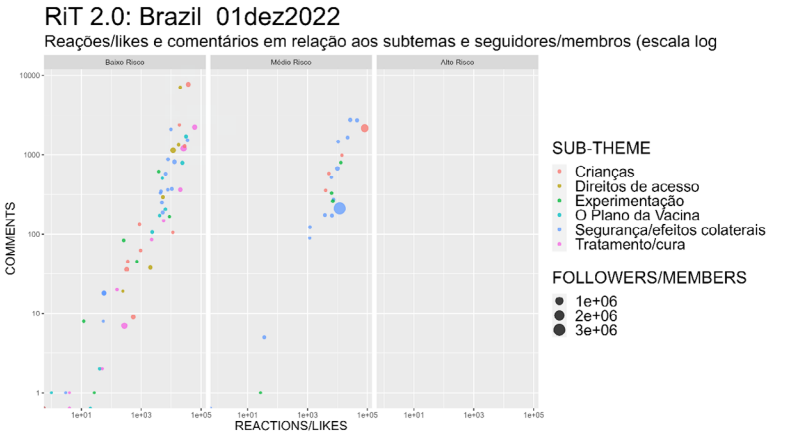


Gráfico 05:



Ao considerar apenas alcance e reações, visando incluir os rumores que não recebem comentários, temos um cenário diferente, embora o domínio permaneça com os tópicos Segurança e Crianças. (Gráfico 06)

Na análise de sentimentos identificados qualitativamente, 'Raiva e frustração' lideram em quantidade de rumores, combinados predominantemente com rumores envolvendo 'Segurança e efeitos colaterais' (em geral raiva das

instituições promovendo a vacinação e das supostas mortes decorrentes disso e frustração por perceberem que amigos e parentes duvidam de suas teorias da conspiração), seguidos por rumores envolvendo 'Medo' em que predomina o subtema 'Tratamento e cura' (em geral medo dos efeitos adversos da COVID-19 e da vacina, propondo remédios naturais ou sintéticos como cura) e 'Tristeza', em que também predominam rumores sobre 'Segurança das vacinas' (muitas envolvendo a atribuição de mortes por AVC ou infarto à vacinação contra COVID-19). (Gráfico 07)

Gráfico 06:

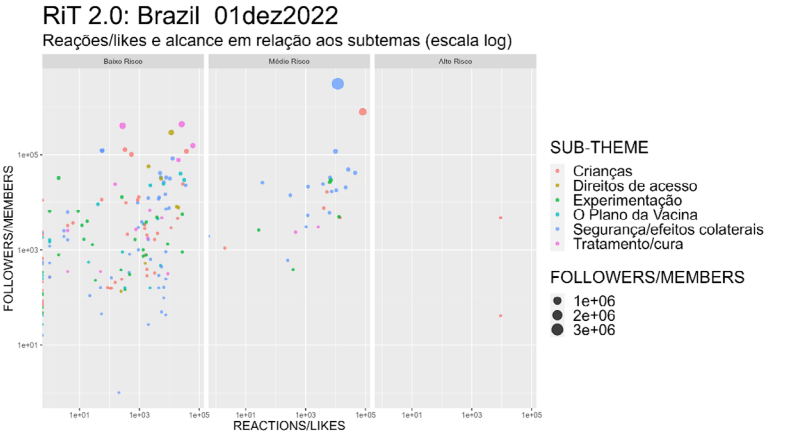
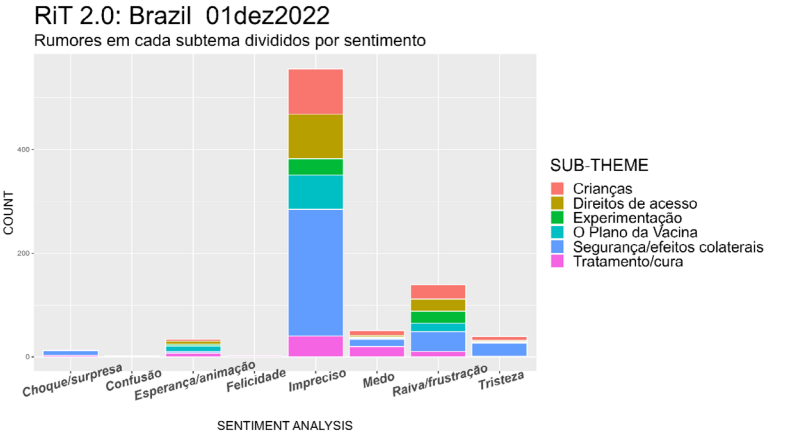


Gráfico 07:



ANÁLISE E CONCLUSÕES

No tópico anterior, apontamos que ao longo do projeto os seis principais subtemas presentes nos rumores foram Crianças, Direitos de acesso, Experimento, Segurança e efeitos colaterais, Tratamento ou cura da COVID-19 e o chamado Plano da vacina. Cabe explorar esses rumores em detalhe, conectando-os ao que foi enviado pelos correspondentes nas comunidades, com especial atenção para a discussão sobre a Segurança das vacinas. Embora parte dos rumores tenha sido coletada online (com maior probabilidade de influenciar a população com maior facilidade de acesso a plataformas de redes sociais online) e parte offline diretamente de correspondentes indígenas e quilombolas, a frase "a gente ficou com medo de tomar porque as pessoas na cidade estavam com medo de tomar também" (ouvida durante a execução do projeto) aponta como essas duas fontes de rumores se interconectam em diferentes momentos.

Podemos dividir o conjunto de rumores entre rumores que trazem associações pontuais entre diversos elementos (relacionados a eventos específicos e que são deixados de lado conforme novos eventos acontecem) e os que trazem associações contínuas, retomadas em diversos momentos ao longo do tempo. Associações contínuas se aproximam daquilo que há por trás dos rumores: mesmo que os componentes mudem, elementos sociais, culturais ou históricos fazem com que as ideias por trás do rumor apareçam novamente, mantendo vivos novos rumores, mesmo que o contexto e os elementos mobilizados se alterem. A ideia de que a vacina possui metais pesados, por exemplo, já foi identificada tanto se referindo a mercúrio quanto a grafeno, fazendo com que entender o medo da contaminação por metais pesados (compreensível se levamos em consideração o garimpo na região norte do país) seja mais importante do que os metais citados pontualmente em rumores específicos.

SEGURANÇA E EFEITOS COLATERAIS

Tomando como exemplo os rumores envolvendo segurança das vacinas, no caso de associações pontuais temos a ideia de que a vacina era a origem da hepatite de causa desconhecida que chegou ao país em junho ou de que a varíola dos macacos está relacionada ao adenovírus de chimpanzé presente

na vacina da AstraZeneca. Como essas duas doenças perderam proeminência enquanto a COVID-19 continua relevante, os rumores nesse sentido perderam espaço. A ideia era que a vacina seria uma desculpa para espalhar doenças, seja para reduzir a população ou para posteriormente lucrar com tratamentos e curas.

Esses eventos e associações, reais ou inventados, dão materialidade e urgência a anseios anteriormente tidos como abstratos. Desse modo, teorias da conspiração ou associações improváveis ganham corpo como ameaças reais que já teriam feito diversas vítimas e portanto exigem ações rápidas por parte de quem escuta o rumor.

Entre as associações contínuas, temos a ideia de que a vacina causaria trombose, infartos, AVCs, paralisia, dano permanente ao sistema imunológico, seria causa da perda de parentes saudáveis, amputações de membros e mal súbito. Essas associações ganham diferentes versões, mas são retomadas sempre que alguém conhecido morre de uma dessas enfermidades.

Essas ideias encontram eco em rumores enviados por correspondentes presentes nas comunidades em que atuamos, como em rumores presentes em grupos de WhatsApp de que a vacina causaria problemas no coração. Nesse caso, não está em questão a causa ou grupo responsável direta ou indiretamente por esse efeito colateral (como nas ideias de Experimentação ou Planos por trás das vacinas), apenas relatos de pessoas leigas que teriam presenciado essas reações. Recebemos diversos rumores relacionados à segurança das vacinas, envolvendo risco de infarto, miocardite, pericardite, ou morte de idosos.

Esses rumores circulam em aplicativos de mensagens e muitas vezes são acompanhados por vídeos caseiros em que uma pessoa mostra um parente enfermo ou em um caixão, e essa pessoa afirma que o enfermo estava saudável antes de ser vacinado. Os vídeos podem circular indefinidamente, sem diálogo com contextos ou momentos específicos da pandemia, o que facilita sua sobrevida.

É importante notar que a fonte da confiança, seriam pessoas que vivenciaram aquela experiência e não especialistas da área. O aumento da vacinação chegando a 80% da população faz com que a maior parte das pessoas sofrendo um incidente aleatório – seja um atropelamento, acidente doméstico ou doença rara – seja uma pessoa vacinada. Rumores fazem com

que essas pessoas cheguem à conclusão errada de que a vacina é a causa de qualquer incidente relacionado a saúde dos vacinados. Essas pessoas podem fazer seus próprios vídeos e alimentar ainda mais suspeitas.

Por outro lado, rumores trazendo a ideia de que existe alguém com propósitos secretos se beneficiando de efeitos nocivos da vacina também estão presentes entre os enviados por correspondentes. Tanto indígenas quanto quilombolas apontaram rumores de que as vacinas enviadas para esses grupos poderiam estar alteradas para prejudicá-los ou que estariam sendo usados como cobaias, de que vacinados morreriam um ano após tomar a vacina ou que se trata de uma iniciativa de controle populacional desses grupos.

Ao considerarmos os rumores oriundos diretamente de comunidades indígenas, a incerteza e a ideia de que há riscos à segurança começam em um estágio anterior à vacinação: a própria ida ao hospital é percebida como não segura. Incerteza e risco envolvem não apenas a descrença pontual em vacinas específicas, mas uma desconfiança em relação aos projetos de instituições nacionais para essas populações. Rumores de que internados teriam seus aparelhos desligados por serem indígenas – junto a possibilidade de não ter seus corpos devolvidos para os rituais de despedida – confirmam essa realidade. Mesmo em rumores envolvendo riscos de efeitos adversos após a vacinação há especificidades culturais relacionadas a ideia de que a vacina traria o risco de transformação em diversos animais: jacaré, macaco, tracajá, peixe, jurupari.

Esse último exemplo é emblemático e confirma a necessidade de se levar em consideração os diversos contextos com que estamos lidando: em diversas comunidades indígenas da região norte, esse foi um fator de hesitação vacinal conforme indicam nossos correspondentes, justamente porque essa é uma possibilidade factível nessas comunidades. No entanto, a ideia de que a vacina poderia transformar pessoas em jacarés se tornou uma brincadeira no sudeste do país, estampada em camisas, bichos de pelúcia, ícones e montagens em aplicativos de redes sociais online. Isso ocorre principalmente em uma cultura que não entende essa possibilidade de transformação como algo factível.

Vale notar que também recebemos o rumor de que a vacina atual da gripe seria na verdade a vacina da COVID-19, transferindo a hesitação relacionada à vacina da COVID-19 para outras vacinas.

A VACINAÇÃO COMO UM EXPERIMENTO QUE USA PESSOAS COMO COBAIAS

Como apontado anteriormente, a ideia de que as vacinas não são seguras dialoga com a ideia de que cidadãos estão involuntariamente sendo usados como cobaias. Essa ideia está no cerne de um subtema frequente, de que as vacinas seriam parte de um grande e arriscado experimento científico. A velocidade da produção das vacinas, a ideia de que elas possuem metais pesados, ou de que elas alteram o DNA das pessoas utilizando mRNA, são mobilizadas com frequência. Além disso, uma informação falsa envolvendo suposto vazamento de documentos da Pfizer que comprovaria o experimento em andamento e a omissão de diversos efeitos colaterais graves foi mobilizada tanto no Twitter quanto no Telegram nas localidades que acompanhamos.

Há ainda a ideia de que as vacinas propagariam o vírus HIV, posteriormente adaptado para o rumor de que as vacinas causariam síndrome de imunodeficiência similar a AIDS mesmo sem o vírus HIV. Frequentemente, médicos que se opõem à vacinação contra a COVID-19 apoiam a ideia de que vacinas podem causar AIDS e afirmam que as proteínas spike nas vacinas que utilizam mRNA causariam danos permanentes ao sistema imunológico. A ideia de que vacinas podem causar AIDS está mais próxima a uma associação pontual, relacionada a falas de políticos e médicos críticos a medidas sanitárias pandêmicas em geral e à vacinação contra COVID-19 em particular. No entanto, a percepção de que pessoas estão ficando doentes de modo frequente, faz com que a associação entre vacina e queda do sistema imunológico ocorra de modo contínuo - mesmo contra as estatísticas de mortes por COVID-19 no país.

Um desdobramento dessa vertente são as propostas de tratamento para quem já tomou a vacina e se arrependeu – incluindo palestras e seminários sobre o tema. Em alguns rumores analisados, recomenda-se que pessoas idosas que estão com febre após se vacinar bebam raspas de carvão de churrasco, um exemplo de como essa linha de rumores pode se aproximar de rumores de alto risco. Esse rumor é uma versão mais perigosa de outro, envolvendo pílulas de 'carvão ativado' para se livrar dos metais pesados que supostamente a vacina contra COVID-19 teria inoculado nas pessoas. Evidentemente, essa linha de rumores, que caminha lado a lado com rumores sobre segurança das vacinas.

DIREITOS DE ACESSO E O PASSAPORTE DE VACINAÇÃO

A discussão sobre direitos de acesso gira principalmente em torno do Projeto de Lei 1674, que criou o Passaporte Nacional de Imunização e Segurança Sanitária (PSS). A ideia continuamente evocada por rumores sobre esse tema é a de que liberdades individuais estariam ameaçadas e as pessoas precisariam se mobilizar para enfrentar autoridades envolvidas na implementação de passaportes de vacinação, impedir a eleição de parlamentares que aceitem essa proposta ou atores em universidades, repartições públicas ou judiciais que exijam sua implementação. Em diferentes momentos, há a ideia de que as leis não estariam sendo respeitadas e isso justificaria ações violentas contra responsáveis pela implementação do passaporte de vacinação ou exigência de máscaras em universidades.

No período eleitoral, esse discurso se intensifica voltado para a crítica a uma suposta ditadura sanitária, decorrente da alegada perda de direitos por parte de não vacinados ou de pessoas que desrespeitam normas sanitárias relacionadas à pandemia. A alegação de que se trata de uma ditadura é utilizada contra o resultado de eleições democráticas, que não precisariam ser respeitadas caso fossem um obstáculo ao fim do passaporte saniário e desse suposto sistema crescentemente totalitário. Seguindo essa linha, os ataques ao Tribunal Superior Eleitoral foram frequentes a ponto dos grupos de Telegram analisados serem derrubados por decisão do tribunal na semana da eleição. Professores universitários também foram alvo de rumores nessa linha, que culminaram em propostas para que pais de estudantes invadissem a universidade para agredir professores que supostamente violariam os direitos de seus filhos ao exigir o uso de máscaras.

No caso dos rumores enviados por correspondentes locais, a discussão sobre direitos de acesso gira em torno de outros temas: o rumor de que quem não estivesse vacinado não poderia andar pelas rodovias federais e que quem não tomasse a vacina gratuitamente precisaria pagar caro para se vacinar posteriormente mostram uma dimensão mais imediata da suposta negação de direitos a pessoas não vacinadas. De fato, a falta de uma infraestrutura de transportes ou de certeza sobre acesso gratuito a serviços básicos de saúde são privações reais, com as quais a ideia de que a vacina pode ser usada como pretexto para negação de direitos interage. Nesse caso, o rumor possui mais fundamentação na realidade cotidiana de indivíduos que de fato podem não ter seus direitos básicos respeitados.

CRIANÇAS

Reações contra a inclusão da vacina contra COVID-19 no Plano Nacional de Imunização aproximam a discussão sobre crianças às discussões sobre Segurança das vacinas, Experimentos e Direitos relacionados ao passaporte sanitário. Há vídeos em que crianças que passam mal estariam sofrendo efeitos adversos da vacina, supostos estudos indicando que as vacinas fariam com que o leite materno se tornasse tóxico, outros afirmando que uma a cada duas gestantes vacinadas teriam abortado, além rumores de que pais que não vacinassem seus filhos poderiam perder a guarda deles, fazendo com que as discussões sobre crianças frequentemente se interconectam a outros tópicos.

Como exposto no panorama sobre engajamento obtido por diferentes subtemas em redes sociais online, Crianças é um subtema que atrai atenção e engajamento, podendo ser apropriado estrategicamente por atores dispostos a espalhar informações falsas, mas também sendo parte das inseguranças cotidianas de pessoas que temem por seus filhos. Em alguns casos, efeitos que seriam comuns – febre após tomar a vacina - são considerados perigosos por pessoas que são remuneradas por dia de trabalho e precisam cuidar sozinhas de seus filhos. Novamente, a falta de rede de apoio faz com que riscos que seriam aceitáveis por boa parte da população sejam considerados altos demais por grupos vulneráveis social e economicamente.

A relevância de redes de apoio exposta anteriormente não só afeta, mas também é afetada pela crença em informações falsas. A discussão envolvendo Crianças não só opõe liberdade de escolha versus obrigatoriedade como no caso da obrigatoriedade da vacinação para frequentar escolas, mas também opõe 'médicos e pediatras defensores de crianças' versus 'médicos e pediatras que usariam os filhos dos outros como cobaias'. Nesse embate, associações de pediatria e médicas são atacadas como corruptas, sujeitas a conflitos de interesse e responsáveis pelo aborto em gestantes vacinadas, enquanto os pais assistindo ao vídeo são incentivados a se afastar das recomendações feitas por essas instituições. Por um lado, pais veem ameaçada a rede de suporte que permite trabalhar enquanto seus filhos estão na escola, sabendo que lá eles terão acesso à merenda e serviços correlatos; por outro, podem se afastar justamente dos profissionais que cuidam da saúde de seus filhos e garantem que haverá

acompanhamento e assistência para que as decisões corretas sejam tomadas durante a pandemia. Como apresentado na discussão sobre riscos, não se trata de não vacinar por não entender que há um risco envolvido, mas da escolha de uma opção frente a várias que – para pais que não sabem em quem confiar – parecem arriscadas de diferentes modos.

Esse tema também gera ansiedade nas comunidades. As dúvidas sobre a vacinação de gestantes, sua indicação ou contraindicação, e a possibilidade de que gestantes vacinadas percam o bebê são frequentemente citados em discussões sobre vacina e exemplificam essa ansiedade. Esses rumores estão alinhados aos identificados online e compartilhados por pessoas fora das comunidades com as quais trabalhamos. Mesmo agentes de saúde enviados às comunidades parecem não estar plenamente alinhados quanto à indicação ou não da vacinação para gestantes, e em que condições isso pode ou não ser ideal. Nesse cenário, qualquer criança nascendo de uma mãe vacinada que venha a apresentar problemas pode alavancar novos rumores sobre o impacto da vacina nas gestantes. Soma-se a isso o fato de programas como Mais Médicos - que garantiam atendimento a crianças em diferentes regiões que enfrentavam falta de médicos para atenção infantil – ter sido descontinuado, tornando a saúde infantil um tema ainda mais problemático.

PLANO DA VACINA

O subtema Plano da vacina envolve teorias da conspiração sobre vacinas, a ideia de que há uma conspiração global por parte de uma elite que utiliza a vacina para inserir chips, reduzir a população mundial, controlar pessoas por meio do 5G ou simplesmente lucrar com base na doença que eles supostamente teriam criado. Organizações internacionais como Organização Mundial da Saúde e magnatas como Bill Gates estão entre os atores preferidos nas denúncias contra uma suposta Nova Ordem Mundial.

Essas teorias não foram encontradas entre os rumores enviados por correspondentes nas comunidades em que atuamos. No entanto, há rumores de outro subtema que dialogam com esses: são os rumores aproximando Plano da vacine e Religião. Embora não estejam entre os mais recorrentes em nosso monitoramento online, diversos rumores associam o suposto chip nas vacinas à ‘marca da besta’, entendendo a vacinação como uma estratégia diabólica para marcar as pessoas ou doença profética de algum modo associada ao apocalipse.

Entre os rumores enviados tanto por correspondentes indígenas quanto por quilombolas, há rumores de que nas pessoas que tomassem a vacina apareceria uma marca 666 no pescoço, de que quem acredita em Deus de verdade não é infectado por COVID-19 (e, portanto, não precisaria de vacina), de que a vacina foi enviada pelo diabo ou que a bíblia de cada um traria sinais que indicam se essa pessoa seria ou não infectada. Esse é um dos casos em que há mais similaridade entre os rumores encontrados online e os enviados por correspondentes das comunidades. Parece se resumir, no entanto, ao público evangélico presente nas comunidades, que muitas vezes indicam atores de suas igrejas como fonte dos rumores em questão.

TRATAMENTO OU CURA DA COVID-19

Por fim, fora da discussão sobre vacinas, o debate sobre remédios que curariam a COVID-19 continua relevante. Boa parte dos rumores nesse tópico são de baixo risco, envolvendo comparações que presumem que chás e ervas eficazes contra doenças gripais seriam também eficazes contra COVID-19 (o que está fora de nosso escopo de ação e prioridade). Tomamos cuidado para não misturar conhecimentos tradicionais e crenças, parte integrante dos esforços das comunidades para lidar localmente com a pandemia e feito juntamente ao respeito a medidas sanitárias, com qualquer tipo de rumor a ser analisado.

No entanto, há também a recomendação de produtos e remédios sintéticos: além das já conhecidas informações falsas sobre eficácia de ivermectina e cloroquina contra COVID-19 (presentes tanto na coleta online quanto na offline) outros produtos, como bebidas alcoólicas, álcool em gel, querosene ou querosene com álcool 90%, estão presentes em rumores. Isso deixa claro o potencial de risco individual para quem acredita nesse tipo de rumores, considerando a gravidade das lesões internas pelo consumo dessas substâncias, e também social, considerando o problema do alcoolismo em diferentes comunidades e esforços para mitigação ou mesmo proibição do consumo dessas substâncias. O modo jocoso como bebidas são tratadas em conversas informais muitas vezes esconde a gravidade que esse tipo de rumor pode ter, por exemplo, em comunidades indígenas em que lideranças se esforçam para coibir o consumo de álcool enquanto defendem medidas sanitárias restritivas para lidar com a COVID-19.

CRÉDITOS E RECONHECIMENTOS

PESQUISA, ANÁLISE E TEXTO

✣ João Bastos
Analista de Dados

REVISÃO

✣ Heber Costa
Gerente Regional

✣ Isadora Starling
Gerente do Projeto

✣ Bryan Araújo
Mentor de Mídia

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÃO

✣ Julhy Van Den Berg
Criadora de Conteúdo

✣ Ganaëlle Tilly
Designer Gráfico Especialista

Programação e Desenvolvimento de códigos para cruzamento e análise
Desenvolvimento de metodologia para reuniões editoriais
João Bastos

SOBRE A INTERNEWS

A Internews é uma organização internacional sem fins lucrativos que empodera pessoas ao redor do mundo com informações confiáveis e de qualidade necessárias para que essas pessoas possam tomar para si o compromisso de participar atividade de suas comunidades tomando decisões bem-informadas.

www.internews.org

Enraizado na Confiança
Internews
Local voices. Global change.
USAID
FROM THE AMERICAN PEOPLE